

## **Fotografias de refúgio, morte e destruição da Guerra na Ucrânia<sup>1</sup>**

Julianna Nascimento TOREZANI<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

### **RESUMO**

Desde o século XIX as guerras passaram a ser fotografadas, fotojornalistas passaram a se organizar para cobrir os conflitos e o jornalismo passou a pautar tudo que ocorre em cenário bélico. Em fevereiro deste ano foi iniciada a Guerra da Ucrânia, por conta da invasão do exército russo. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as fotografias que foram feitas desta guerra, sobretudo ao mostrar cenas de refúgio, morte e destruição. O trabalho é fundamentado teoricamente por Ariès (1990), Foucault (1999), Sougez (2001), Sousa (2004), Zelizer (2010), Machado (2011) e Silva Junior (2012). Trata-se de uma pesquisa documental que analisou três imagens feitas por Gabriel Chaim da Guerra da Ucrânia, em 2022. Resulta em observar o interesse pelas imagens, visto que o enfrentamento ocorre no continente europeu, as pessoas fotografadas, a representação da morte e o horror que a guerra causa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Gabriel Chaim; Guerra na Ucrânia.

### **Introdução**

Desde a criação das primeiras fotografias permanentes na história, como a imagem feita por Niépce, em 1826, da vista de sua janela em Paris durante oito horas, as guerras começaram a ser fotografadas. As coberturas dos conflitos foram feitas por fotojornalistas com intuito de demonstrar os acontecimentos bélicos diante do horror que as guerras causam. Em fevereiro de 2022, a Rússia invadiu a Ucrânia através de uma operação militar que culminou em uma guerra que já dura cinco meses. Este conflito mudou o cenário geopolítico e criou uma crise humanitária, visto que muitas pessoas migraram do país atacado para outros países para fugir da guerra.

Notícias sobre esta guerra são publicadas todos os dias, que tratam dos lugares atacados, das pessoas mortas, do refúgio para outros lugares, das negociações políticas, do avanço russo bélico e da defesa dos ucranianos. Para além de ler, ouvir e assistir

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus. Professora do MBA Cultura visual: fotografia e arte latino-americana da Universidade Católica de Pernambuco e da Especialização As Narrativas Contemporâneas da Fotografia e do Audiovisual. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Cultura e Turismo e Bacharelada em Comunicação Social pela UESC, e-mail: [juliannatorezani@yahoo.com.br](mailto:juliannatorezani@yahoo.com.br)

vídeos, a fotografias, por sua vez, marcam tais acontecimentos. Diante disso, foram escolhidas três imagens fotográficas deste conflito, como objeto de investigação deste trabalho, feitas pelo fotojornalista brasileiro Gabriel Chaim, cada imagem escolhida aborda as características do confronto: refúgio, morte e destruição.

Ao observar tais cenas, nos questionamentos sobre: Quais são os interesses nas fotografias da Guerra na Ucrânia e como essas imagens nos afetam? As respostas para essas perguntas são diversas, uma vez que, só em olhar para o cenário em destruição sentimos uma imensa tristeza e observamos um exercício da desumanidade, assim nos afetam diretamente, pois e se estivéssemos nesse lugar, tendo sua casa destruída, ter que migrar do seu país, abandonar seus estudos, seu emprego, sua carreira e, pior ainda, sua família, tudo é desolador, já que a guerra em si é um ato extremo de violência e destruição. Neste sentido, apresenta-se como objetivo analisar as fotografias da Guerra na Ucrânia quanto ao refúgio, morte e destruição que este conflito causou e causa.

A pesquisa será feita de forma qualitativa e pela abordagem do método indutivo, tendo em vista que a partir do estudo de três imagens podemos traçar as características do fotojornalismo da Guerra na Ucrânia elaborado por Gabriel Chaim e, até mesmo, de outros profissionais que estão cobrindo o conflito. Como procedimento, trata-se de uma pesquisa documental, em que as três fotografias foram coletadas do perfil do Instagram @gabrielchaim de forma não-probabilística, em que estas apresentam os eixos de discussão da imagem da guerra em que se direciona este estudo, aqui apresentadas em ordem cronológica: 1) sobre refúgio foi escolhida a imagem publicada em 5 de março de 2022 que possui a seguinte descrição “Não há muito a dizer... milhares de pessoas fugindo enquanto o exército russo intensificava seu ataque. Ucrânia, Irpin - 5 de março de 22”<sup>3</sup>; 2) sobre morte foi escolhida a cena publicada em 8 de abril de 2022 com a descrição “Sepultura em massa de civis assassinados durante a invasão russa em Bucha, subúrbio de Kyiv. Ucrânia, Bucha - abril de 2022”<sup>4</sup>; 3) sobre destruição dos prédios foi escolhida a fotografia que tem a descrição “Em desconstrução - Ucrânia, Kharkiv - maio, 2022”, que foi publicada em 9 de maio de 2022<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Texto original: “Not much to say...thousands of people fleeing as Russian army intensified it’s attack. Ukraine, Irpin - March 5, 22”.

<sup>4</sup> Texto original: “Mass grave of civilians murdered during Russian invasion in Bucha, suburb of Kyiv. Ukraine, Bucha - April, 22”.

<sup>5</sup> Texto original: “Under deconstruction - Ukraine, Kharkiv - May, 2022”.

---

## A fotografia das guerras dos séculos XIX e XX

Os registros fotográficos de guerra iniciam com a cobertura da Guerra da Criméia, que ocorreu entre 1854 e 1855 no qual a Rússia lutou contra a Grã-Bretanha, a França e a Turquia por conta da expansão do seu território. Este conflito foi fotografado por Roger Fenton, James Robertson e Carol Popp de Szathmari utilizando câmera escura e o processo do colódio úmido. Jorge Pedro Sousa (2004) aponta que Fenton se destacou, pois foi contratado pelo jornal inglês *The Illustrated London News*, para publicar imagens dos soldados descansando ou em atividades de descanso, para não mostrar as batalhas com pessoas mortas para não assustar as famílias dos soldados, ou seja, as imagens foram feitas sob encomenda e com censura prévia. No século XX, exatamente em 2014, nessa região da Criméia também ocorreram confrontos entre russos e ucranianos por tal área estratégica por conta de ser uma península no Mar Negro.

Na sequência dos conflitos fotografados, houve a ampla cobertura da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, que durou de 1861 até 1865, apresentando tanto os estados da União (norte) quanto os estados da Confederação (sul). “A Guerra da Secessão foi também a primeira ocasião da história em que os ‘fotojornalistas’ correram perigo de morte ao cobrirem a frente de batalha” (SOUSA, 2004, p. 39).

No século XX, acontecem grandes conflitos mundiais e guerras civis que foram fotografadas, mas cada um com as suas devidas particulares, da qual vamos tratar de algumas. De 1914 a 1918 aconteceu a Primeira Grande Guerra por conta de problemas políticos e econômicos e para extensão de seus territórios entre os países Aliados (Reino Unido, França e Rússia) e os países da Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália). Os jornais passaram a contratar fotojornalistas, o que criou as primeiras equipes de redação de jornais com repórteres fotográficos no quadro. Como a tecnologia para impressão de páginas de jornais com textos e imagens ainda estava em desenvolvimento, as imagens apareciam como desenhos, visto que as redações tinham os desenhistas que a partir das fotografias desenhavam os fatos nos espaços dedicados aos registros visuais. Marie Loup Sougez (2001, p. 235) apresenta que “[...] a fotografia foi utilizada como instrumento tático: desenvolveu-se a prática das fotografias aéreas, se bem que a maior parte da informação gráfica publicada na imprensa tenha sido feita por desenhadores”.

Já a Segunda Grande Guerra, por sua vez, ocorrida de 1939 a 1945, gerou imagens marcantes do século, tendo em vista os horrores que aconteceram, uma vez que além de um confronto pelo poder e pelo território, houve também a tentativa de extermínio da

---

etnia judaica, em que milhares de pessoas foram mortas em câmaras de gás colocadas em campos de concentração nazistas criadas pelos alemães e países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) contra os Aliados (Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos). Com o fim da guerra, foi criada a Organização das Nações Unidas para manutenção da paz, além também do início da Guerra Fria. Entre tantos fotojornalistas que cobriram o conflito, destaca-se Robert Capa, sobretudo por conta das imagens feitas no 6 de junho de 1944, considerado Dia D, quando os soldados norte americanos desembarcam na Praia de Omaha, na França, sob fogo cruzado com os alemães que estavam em solo (CAPA 2010). Seus registros tremidos e fora de foco demonstram a ação que estava acontecendo. Imagens do Holocausto, da invasão das cidades, dos ataques bélicos, da destruição, da morte ficaram para a história, com o interesse de que tais cenas não deixam esquecidas as atrocidades. Mas, infelizmente outros momentos de rompimento da paz ocorreram e ocorrem, sempre pela briga pelo poder.

O mais longo confronto ocorrido no século XX foi a Guerra do Vietnã, aconteceu de 1955 a 1975, quando a República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte) e a República do Vietnã (Vietnã do Sul) iniciaram uma guerra sobre o regime político do país, que representou do lado norte o apoio da União Soviética e do lado sul a aliança com os Estados Unidos para criar um país capitalista. Houve uma livre movimentação dos profissionais de imprensa que cobriram a guerra, inclusive de fotojornalistas e canais de televisão, especialmente norte americanos (SOUSA, 2004). Inclusive a empresa Nikon cria a linha F de câmeras com liga metálica mais robusta para fotografar este conflito. Com o fim da guerra, houve a reunificação do país como a República Socialista do Vietnã, com o regime político comunista. Arlindo Machado (2011, p. 237) afirma que “depois do Vietnã, ficou bastante claro às potências internacionais que uma guerra pode ser decidida mais na televisão do que nos campos de batalha”.

O último conflito que vamos destacar é a Guerra do Golfo, que ocorreu em 1991, entre o Iraque e uma coalizão de 34 países liderados pelos Estados Unidos. Este conflito marcou o poder bélico norte americano, sobretudo pelo lançamento de mísseis lançados em Bagdá. Muitos dos profissionais de imprensa que cobriram tal conflito tinham que está incorporados as tropas militares, só podendo publicar o que o governo permitia, além de ter treinado os soldados a fazerem fotografias que foram divulgadas pelo Departamento de Defesa Americano (SOUSA, 2004).

---

## A cobertura fotográfica dos conflitos do século XXI

No século XXI, além de vários conflitos civis, ocorreram os ataques terroristas sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. O que gerou o maior número de imagens foi o atentado ao World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro de 2001. Barbie Zelizer (2010, p. 43) observa que “[...] os registros do World Trade Center que foram tirados tanto por profissionais quanto por fotógrafos amadores e profissionais de vídeo que chegaram ao local freneticamente, tirando fotos de tudo o que podiam”<sup>6</sup>. O atentado foi cometido pelos integrantes da organização terrorista afegã Al-Qaeda, liderada por Osama Bin Laden. Como retaliação, as Forças Armadas dos Estados Unidos, iniciaram em 7 de outubro de 2001, os bombardeios no Afeganistão, numa ação chamada de “guerra ao terror”. Passados 21 anos deste acontecimento, as imagens ainda marcam o momento que os aviões colidem com as torres, as explosões, as pessoas que se jogaram dos prédios, os escombros até o memorial construído no local.

Além da ação militar bélica no Afeganistão, ocorre a Guerra do Iraque, de 2003 a 2011, de um lado as tropas militares do iraquiano Saddam Hussein e do outro uma coalização de países liderada pelos Estados Unidos, por conta de uma suspeita de armas de destruição em massa e de uma suposta ligação de Hussein com a Al-Qaeda, o que não foi comprovado. Destacam-se as imagens feitas dentro da prisão iraquiana Abud Graib pelos soldados americanos expondo cenas de violência cometidas contra os detentos, que inclui a fotografia do homem encapuzado publicada na capa da revista *The Economist*, em 8 de maio de 2004, além de várias cenas publicadas na internet. Joan Fontcuberta (2012, p. 15) acrescenta que “o horror de Abu Ghraib nunca teria aflorado à opinião pública com a fotografia analógica; ao contrário, a tecnologia digital torna impossível evitar a disseminação da informação”. A cobertura deste conflito foi feita pelos jornalistas e fotógrafos incorporados às tropas militares só podendo registrar o que os soldados permitiam, mas também houve o trabalho dos fotógrafos independentes.

Em dezembro de 2010, aconteceu uma série de revoltas no Oriente Médio e no norte da África que foram chamadas de Primavera Árabe, estas redesenharam o quadro geopolítico desta região como a mudança de líderes que estavam no poder por muito tempo e a geração de eleições para novos representantes de vários países. O início destes movimentos ocorreu quando um jovem tunisiano de 26 anos, chamado Mohamed

---

<sup>6</sup> Texto original: “[...] the shots of the World Trade Center instead, were taken as both professional and amateur photographers and video-camera personnel arrived on the scene, frantically taking pictures of whatever they could”.

---

Bouazizi, ateou fogo ao próprio corpo, para fazer um protesto pelas condições de vida em seu país. Como mudança, na Tunísia, o ditador Zibé al-Abdine Bem Ali se exilou na Árabia Saudita após ficar no poder desde 1987 e a população elegeu o Ennahda para governar o país em 2011, considerado um partido islâmico moderado.

No Egito, o presidente que estava no poder por 30 anos, Hosni Mubarak, renunciou por conta de inúmeras manifestações ocorridas na Praça Tahrir, na capital Cairo, em 2012 foi eleito o primeiro presidente civil, Mohammed Morsi, deposto em 2013 por um golpe militar. Na Líbia, o ditador Muamar Kadafi, no cargo de presidente desde 1969, foi capturado e morto em Sirte por opositores ao governo após um período de uma violenta guerra civil. No Iêmen, o presidente Ali Abdullah Saleh foi gravemente ferido em um ataque contra a mesquita do palácio presidencial e meses depois assinou um acordo para deixar o poder, o vice-presidente Abd Rabbuh Mansur al-Radi anunciou um governo de reconciliação nacional e foi eleito em 2012.

Na Síria, ocorre uma guerra civil desde 2011, entre opositores que querem a renúncia do presidente e apoiadores do regime de Bashar al-Assad, ele se mantém no poder desde 2000, após a morte de seu pai, Hafez al-Assad, que governou o país por 30 anos. Essa guerra já gerou um grande número de mortos e refugiados. Para João Coscelli (2011), “foi por meio das redes sociais - como o Facebook, o Twitter e o Youtube – que a juventude organizou e espalhou informações sobre protestos, ainda que em alguns casos as comunicações estivessem sob controle do regime”, como na Líbia e na Síria. Assim, as redes sociais se tornaram importantes espaços de acionar as pessoas, passar informações e organizar as manifestações. “As imagens dos confrontos nesses países chegaram ao resto do mundo graças aos próprios opositores, que usaram dispositivos móveis, como câmeras e celulares” (COSCELLI, 2011). Diferente do que ocorrera na Síria, em que a imprensa estrangeira não tem liberdade para atuar, as imagens que são publicadas mostram as pessoas nas ruas em manifestações pró Assad, pois são as únicas que o governo permite serem feitas e divulgadas. “No You Tube, centenas de gravações mostravam as multidões fugindo enquanto feridos eram carregados e corpos jaziam sem vida nas ruas de cidade como Homs e Hama. Era o grito dos sírios contra a barbárie de seu presidente”, relata Coscelli (2001).

Das imagens que mostram a guerra na Síria, a que mais impactou o mundo foi feita pela repórter turca Nilüfer Demir, em 2 de setembro de 2015, na costa do Mar Egeu, na Turquia, que mostra o menino sírio de três anos chamado Alan Kurdi morto. Ele estava

---

em uma embarcação numa tentativa de atravessar o Mar Mediterrâneo para chegar na Europa, sua família queria fugir da guerra, faleceu afogado com sua mãe Rehan e seu irmão Galip de 5 anos, pois o barco naufragou, deixando apenas o pai Abdullah vivo. A fotografia demonstra a crise dos refugiados, a repercussão foi imensa, uma vez que apresenta uma criança morta por conta de uma guerra, serviu para reflexão e ação de alguns países para aceitar os refugiados que deixaram para trás sua casa, seu trabalho, seu país para tentar sobreviver longe da guerra.

Em 2014, por conta de problemas entre a Rússia e a Ucrânia, surgiram os conflitos na Criméia por conta da disputa deste território através de comando pró-Rússia liderado por Sergei Axionov, uma vez que era uma área independente caracterizada como uma república autônoma. Em março deste ano, esse comando realizou um referendo que questionava a população sobre a possibilidade de se juntar ao território russo que resultou positiva, visto que a maioria da população é de origem russa e não ucraniana, assim o Parlamento se declarou independente da Ucrânia.

Vladimir Putin, presidente da Rússia, enviou tropas à Criméia para apoiar o movimento e tomar bases militares e aeroportos, após dois dias do referendo fez um discurso reconhecendo a área como parte de seu país, uma vez que fica em local estratégico do Mar Negro, próximo ao seu quartel-general em Sebastopol, cidade que abriga a principal base naval da frota russa, assim as partes assinaram um tratado de adesão. Para os ucranianos, o Parlamento da Criméia é ilegal e não pode declarar independência, não reconhece também o referendo e seu resultado. Como consequência, os Estados Unidos e a União Europeia fizeram uma série de sanções à Rússia em questões econômicas e esta reagiu tratando da distribuição de gás à Europa.

André Rouillé (2009, p. 405) explica que “a excessiva concorrência no sistema de informação obriga repórteres a agir com urgência (os aparelhos digitais e os satélites os mantêm diretamente ligados às suas agências), a envolver-se no próprio decorrer dos acontecimentos”. Ao se envolver torna a fotografia como um evento, o que também acontece com as pessoas em geral ao registrar os fatos. Entre os acontecimentos dos conflitos na Criméia surgiram além das fotografias da imprensa, imagens de pessoas ao lado de soldados russos que foram disponibilizadas em redes sociais, como no Instagram, moças, famílias e crianças posam ao lado deles sorridentes indicando aceitar sua presença nesse território, é o envolvimento da população nos fatos políticos que encontra a Internet como aliada para manifestar suas opiniões.

---

No século XXI, além das câmeras fotográficas os confrontos também passaram a ser registrados com telefones celulares com câmeras e conectados à internet, o que gerou uma rápida circulação de imagens de guerra, inclusive nas redes sociais. José Afonso da Silva Junior (2012, p. 6) elucida que “antes, só era fotógrafo aquele que carregava consigo uma câmera. Agora, todos possuem uma câmera anexada ao telefone móvel que se associa a outras tecnologias que permitem uma circulação instantânea e a aparição em sistemas de internet como, por exemplo, o Instagram”, em que o autor trata sobre portabilidade, simplicidade de uso, tratamento da imagem, conexão com a Internet e publicação instantânea, gerando compartilhamento de discursos visuais, inclusive das guerras.

### **Ucrânia, 2022: imagens da guerra**

Tendo iniciado as tensões entre Ucrânia e Rússia em 2014 por conta da região da Criméia, após ameaças e posicionamento dos soldados na fronteira, em 24 de fevereiro deste ano ocorre uma ação militar russa contra a Ucrânia, mesmo depois de várias rodadas de negociação, este conflito ainda se estende até o mês de julho. O governo russo liderado por Vladimir Putin iniciou a invasão por conta dos seguintes fatores: oposição da entrada da Ucrânia na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), trata-se de uma organização militar da qual fazem parte países que foram contrários a União Soviética durante a Guerra Fria; exigência da redução da presença militar na Europa da OTAN; reconhecimento das regiões ucranianas de Donetsk e Luhansk como áreas separatistas pró-Rússia; indicação de haver no leste ucraniano um genocídio cometido por grupos neonazistas contra os russos.

A Rússia pede que a Ucrânia se comprometa com uma neutralidade militar – o que impediria o país de se juntar à Otan. Um dos moldes apresentados é o da Suécia ou da Áustria, que não integram a aliança e não fazem parte de empreendidas militares mundo afora. Além disso, o Kremlin exige a desmilitarização e "desnazificação" da Ucrânia, o reconhecimento da independência de Donetsk e Luhansk, bem como o entendimento de que a Crimeia faz parte do território russo desde 2014, quando a península foi anexada no primeiro movimento militar de Putin na região (GALVANI, 2022).

O governo ucraniano, por sua vez, resiste as ações militares russas apoiado por diversos países, sobretudo por receber armamentos e drones. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, eleito em abril de 2019, pede aos líderes dos países apoio militar e humanitário, além de contar as sanções à economia russa (iniciadas pelos Estados Unidos,



---

Reino Unido e União Europeia), e propõe a criação de uma aliança para assegurar a paz em territórios invadidos por estratégias militares. A invasão russa ocorre através de bombardeios aéreos e incursões terrestres em várias regiões da Ucrânia, tendo inclusive a capital, Kiev, cercada.

O que essa guerra representa é uma crise de segurança, por isso muitos ucranianos começaram a deixar o país desde o início dos bombardeios, utilizando diversos meios como os três, carros e, até mesmo, a pé, para conseguir chegar até a fronteira dos países vizinhos, como a Polônia e a Romênia. Com essa migração, foi necessário criar corredores humanitários para a saída das pessoas e campos de refugiados para atender as famílias que tiveram suas cidades destruídas ou com possível risco disso acontecer e de perder a vida. “[...] este era o começo de um movimento de fuga que já envolveu mais de 6,5 milhões de pessoas deslocadas dentro do país. Além disso, mais de 3,5 milhões já deixaram a Ucrânia para países vizinhos” (GALVANI, 2022).

O agravamento do conflito ocorreu quando Putin colocou em alerta máximo as forças nucleares russas, podendo tornar a situação ainda pior caso as ogivas fossem acionadas. Outra situação de tensão foi o ataque a usina nuclear de Zaporuzhzhia que provocou um incêndio na área externa do reator principal, bem como das demais usinas nucleares presentes na Ucrânia, bem como toda a área de Chernobyl, tendo em vista o desastre que ocorreu em 1986 com a explosão do reator nuclear.

Profissionais de imprensa de vários países estão fazendo a cobertura do conflito, é possível observar pelo trabalho jornalístico os bombardeios, a destruição das cidades, a fuga do país, as negociações através de fotografias, vídeos, áudios e textos. O fotógrafo, documentarista e cinegrafista independente Gabriel Chaim já cobriu conflitos na Síria, na Faixa de Gaza, no Irã, além dos campos de refugiados na Turquia e na Jordânia, gerando imagens e sons, inclusive documentários. Especialmente sobre a Síria, Chaim declarou:

Eu não desejo que ninguém veja o que eu vi, mas, por outro lado, as pessoas devem saber sobre a vida real, o mundo real. As pessoas devem parar de pensar em si mesmas e olhar através da vida apenas através de sua própria experiência. O mundo não é tão bonito quanto queremos acreditar (CHAIM apud GUERRA, 2019).

Chaim fotografa, filma, grava depoimentos, elabora reportagens, acredita que seu trabalho pode ajudar os refugiados e as pessoas que sofrem nas crises humanitárias. Passou três meses cobrindo a guerra na Ucrânia e percebeu que o conflito na Europa

chamou mais atenção do que os que ocorrem no Oriente Médio. “Eu estava dormindo, em Kiev, quando acordei às 4 horas da manhã com o barulho de explosões. Peguei meu telefone, abri o Twitter e comecei a ver o que estava acontecendo. Dali em diante, tudo foi um caos. Uma explosão bem forte, que parecia um ataque aéreo” (CHAIM apud SANTOS, 2022).

O trabalho de Chaim pode ser conferido em vários meios de comunicação e nas redes sociais, apresentam os horrores da guerra. Especificamente no seu perfil do Instagram, publicou 41 fotografias descrevendo os acontecimentos da Guerra na Ucrânia, tendo em vista os aspectos que pretendem ser analisados neste trabalho foram escolhidas três imagens representativas do refúgio, da morte e da destruição deste conflito.

A primeira imagem analisada trata sobre o refúgio, foi publicada em 5 de março de 2022 com a legenda “Não há muito a dizer... milhares de pessoas fugindo enquanto o exército russo intensificava seu ataque. Ucrânia, Irpin - 5 de março de 22”. Por conta dos ataques aéreos e terrestres com as tropas invadindo várias regiões do país e tentando chegar a capital Kiev, milhares de pessoas optaram pela saída do país em função da falta de segurança e risco de morte.

Figura 1 – Migração dos ucranianos para outros países. Foto de Gabriel Chaim.



Fonte: Perfil do Instagram @gabrielchaim, 05 mar. 2022.

Assim, é importante entender esse deslocamento das pessoas em situação de conflito. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (2009, p. 18), o que ocorre na Ucrânia é a deslocação que é o “afastamento forçado de uma pessoa, da sua

casa ou país de origem, frequentemente por razões de conflito armado ou devido a desastres naturais”.

As imagens mostram adultos e crianças saindo do país pelas rotas possíveis em meios diversos de forma muito tensa, pois poderia ocorrer um ataque a qualquer momento, até mesmo nos corredores humanitários. As estações de trem e metrô ficaram lotadas de pessoas na tentativa de chegar logo nos países de fronteira, já que havia o risco de bombardeios. Em alguns registros, além de ver o deslocamento, observamos os locais destruídos, incluindo pontes e prédios seja pelos ataques ou, até mesmo, pelas tropas ucranianas para impedir o avanço do exército russo em algumas áreas.

A segunda imagem analisada trata sobre a morte das pessoas em momentos de conflitos e foi escolhida a fotografia que tem a seguinte descrição “Sepultura em massa de civis assassinados durante a invasão russa em Bucha, subúrbio de Kyiv. Ucrânia, Bucha - abril de 2022”, publicada em 8 de abril de 2022.

Figura 2 – Morte de civis assassinados durante a invasão russa em Bucha. Foto de Gabriel Chaim.



Fonte: Perfil do Instagram @gabrielchaim, 08 abr. 2022.

Em um cenário de guerra muitas atividades ficam interrompidas, as pessoas tentam se proteger e o governo resiste ao confronto. Como já houve muitos bombardeios na Ucrânia, muitos civis morreram nas áreas atingidas, tanto em locais residenciais quanto em escolas, praças e hospitais. Infelizmente não se busca apenas alvos militares, qualquer lugar passa a ser local de combate, uma vez que se trata da destruição pela força bélica em função de poder e território. A mídia já noticiou que esse confronto foi planejado durante anos pelo governo russo e com todo o serviço de inteligência que existe para os departamentos de defesa dos países atingir áreas civis foi feita com a pretensão de matar

peessoas inocentes. Philippe Ariès (1990, p. 329) reflete que “o pensamento da morte está associado à ideia de ruptura do composto humano, numa época que é a do túmulo da ala, onde o dualismo começava a penetrar na sensibilidade coletiva”.

Na fotografia é tocante ver os corpos em sacos plásticos pretos de pessoas mortas numa única vala e saber que de acordo com a ONU já morreram 4,7 mil civis mortos até o final de junho, mas que o número está abaixo por conta da dificuldade dos registros em zona de guerra, ainda mais quando são enterrados de forma precária. Quanto aos militares não há um número confirmado, pois tanto a Rússia quanto a Ucrânia indicam a quantidade de soldados mortos, mas sem comprovações específicas. Dados da BBC News Russian indicam que morreram 685 oficiais russos e 3.321 cabos e sargentos. O que nos leva a questionar quem são as pessoas que morrem nas guerras, sobretudo de quais lugares, que cargos ocupam na hierarquia social e militar.

De acordo com a Convenção de Genebra e outros tratados internacionais, atacar civis ou a infraestrutura vital para sua sobrevivência de forma deliberada é crime de guerra. O procurador-geral da Ucrânia acusa a Rússia de cometer milhares de crimes de guerra durante o conflito, incluindo ataques diretos a civis (HABERSHON *et al.*, 2022).

A terceira fotografia analisada trata da destruição dos prédios, foi publicada em 9 de maio de 2022 e tem a seguinte descrição: “Em desconstrução - Ucrânia, Kharkiv - maio, 2022”. A imagem representa os vários lugares que foram destruídas em diversas cidades ucranianas, desde instituições militares, como escolas, hospitais e áreas residenciais.

Figura 2 – Destruição dos prédios em Kharkiv, Ucrânia. Foto de Gabriel Chaim.



Fonte: Perfil do Instagram @gabrielchaim, 09 maio 2022.

Os bombardeios aéreos fazem surgir os escombros, que destrói não só a construção em si, mas memórias, lembranças, histórias, acontecimentos, cotidiano, espaços que precisarão ser reconstruídos com o fim do confronto, mas que ficam marcados como o espaço da destruição em função da violência ocorrida.

A destruição nesta imagem em preto e branco coloca de um lado os prédios em escombros e do outro lado pessoas observando essa paisagem desolada, o que nos faz pensar o quanto a guerra traz mudanças dos pontos de vista político, social, cultural, econômico de todas as pessoas envolvidas. Ver o local de moradia destruído é também uma forma de destruição da própria vida, daquilo que foi ao longo dos anos construído ali, do que se viveu, do que constitui a história e a memória de cada pessoa. A imagem de guerra congela, fragmenta, constrói uma narrativa para que possam refletir sobre tais acontecimentos, pois demonstra a destruição e a desumanidade. Foucault (1999) discute que

E, se é verdade que o poder político para a guerra, faz remar ou tenta fazer reinar uma paz na sociedade civil, não é de modo algum para suspender os efeitos da guerra ou para neutralizar o desequilíbrio que se manifestou na batalha final da guerra. O poder político, nessa hipótese, tem a como função reinserir perpetuamente essa relação de força, mediante uma espécie de guerra silenciosa e de reinseri-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até nos corpos de uns e de outros (FOUCAULT, 1999, p. 23).

Diante disso, pensar sobre a migração forçada das pessoas, os mortos pelos bombardeios e ataques e a destruição das cidades em cenário de guerra através de imagens fotográficas nos afetam diretamente e fortemente, não só por ver as fotografias e acompanhar as notícias sobre o enfrentamento bélico, mas saber que este ano não terminou e pode durar por longo período, o que aumentará o número de mortos, refugiados e lugares destruídos.

### **Considerações Finais**

As imagens dos conflitos que aconteceram nos séculos XIX e XX são usadas como elementos de propaganda, demonstração do horror e estratégia militar. Enquanto as imagens do ataque terrorista em 2001 foram amplamente mostradas, as cenas do que ocorreu no Afeganistão em dez anos de conflito eventualmente aparecem na mídia e são interpretadas diferentemente do choque dos aviões com as torres. Não diferente das imagens da Guerra do Iraque. A força da fotografia dos conflitos foi fundamental para a Primavera Árabe, o uso de aparelhos celular e as redes sociais tiveram fundamental papel

na comunicação do que estava acontecendo nos países, feita por inúmeras pessoas que testemunharam as mudanças. As fotografias e os vídeos dos conflitos ocorridos na Criméia e na Faixa de Gaza em 2014 mostram ao mundo o que estava ocorrendo e podem servir para contribuir nos processos de paz, com a participação das pessoas em campanhas, como pelo Facebook.

A cobertura fotográfica dos conflitos do século XXI estão ligadas a três elementos: as imagens são produzidas por fotojornalistas e pessoas que testemunharam os acontecimentos, ambos constroem narrativas no modelo todos-todos; a produção de imagens é feita com câmeras profissionais, compactas e de celular, portanto com o uso excessivo das tecnologias digitais; a circulação das imagens ocorre, principalmente, pela Internet, nos *sites* de notícias e nas redes sociais, que aparece como espaço dessa pluralidade de vozes para demonstrar o que está acontecendo no mundo, sobretudo em áreas de conflito.

Após 167 anos, não só a Criméia, mas todo o território ucraniano se torna o local de confrontos bélicos. E há um grande interesse das imagens e das notícias da Guerra da Ucrânia, pois acontece no continente europeu, diferente quando os conflitos acontecem na África, Oriente Médio e América do Sul. Além do interesse político e econômico na cobertura deste confronto, tendo em vista que estão blocos comerciais com distintas intencionalidades, por um lado os russos e, por outro lado, os ucranianos apoiados por países contrários a União Soviética, especialmente os Estados Unidos. Essas imagens nos afetam por tratar da saída forçada das pessoas do seu país, da morte de pessoas que não tem culpa pela disputa do poder (exatamente os civis, incluindo muitas crianças) e da destruição das casas, dos hospitais, das escolas e do patrimônio de um país. Este estudo justifica-se, por infelizmente ainda existirem conflitos dessa natureza, mas que é necessário refletir sobre o horror dos atos de guerra, já que não importa o tempo e nem o lugar, a guerra existe e pode continuar a existir.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CAPA, Robert. **Ligeiramente fora de foco**. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Cosac Naify, 2010. Título original: Slightly Out of Focus.

COSCELLI, João. A revolução será twittada. **O Estado de São Paulo**, 17 dez. 2011. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-revolucao-sera-twittada,812020> Acesso em: 25 mar. 2022.

FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de Pandora: a fotografi@ depois da fotografia.** Tradução: Maria Alzira Brum. São Paulo: G. Gilli, 2012. Título original: La cámara de Pandora.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Título original: Il faut défendre la Société.

GALVANI, Giovanna. Entenda a Guerra da Ucrânia em 10 pontos. **CNN Brasil**, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-guerra-da-ucrania-em-10-pontos/> Acesso em: 20 abr. 2022.

GUERRA, Eduarda. Gabriel Chaim: a guerra através das lentes. **Centro de Fotografia**, 11 jun. 2019. Disponível em: <https://foto.espm.br/gabriel-chaim-a-guerra-atraves-das-lentes/> Acesso em: 13 jun. 2022.

HABERSHON, Sarah et al. Guerra na Ucrânia: quantas pessoas já morreram no conflito. **BBC News Brasil**, 04 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62034340#:~:text=Baseado%20nos%20dados%20da%20Acled,verifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20informa%C3%A7%C3%B5es%20de%20guerra.> Acesso em: 13 jul. 2022.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas.** 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. (Coleção Campo Imagético).

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Glossário sobre Migração. 2009. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf> Acesso em: 07 jul. 2022.

ROUILLÉ, André. **A fotografia:** entre documento e arte contemporânea. Tradução: Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. Título original: La photographie.

SANTOS, Gabriel dos. Gabriel Chaim na Ucrânia: Conheça biografia do único repórter brasileiro que permanece em Kiev durante guerra. **Rádio Jornal**, 01 mar, 2022. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2022/03/14954074-gabriel-chaim-na-ucrania-conheca-biografia-do-unico-reporter-brasileiro-que-permanece-em-kiev-durante-guerra.html> Acesso em: 30 mar. 2022.

SILVA JUNIOR, José Afonso. Da fotografia Expandida à Fotografia Desprendida: Como o Instagram Explica a Crise da Kodak e Vice-versa. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXV, Fortaleza. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/r7-1704-1.pdf> Acesso em: 30 mar. 2022.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da Fotografia.** Tradução: Lourenço Pereira. Lisboa: Dinalivro, 2001. Título original: Historia de la Fotografia.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

ZELIZER, Barbie. **About to die:** how news images move the public. New York: Oxford University Press, 2010.